



## TÍTULO: OLIMPIADAS DA ESCOLA: PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES DE UMA COMPETIÇÃO DIALÓGICA

Ari Fernando Borsetti Junior

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

[ari.borsetti@estudante.ufscar.br](mailto:ari.borsetti@estudante.ufscar.br)

<https://lattes.cnpq.br/7900260066390051>

<https://orcid.org/0000-0003-0169-9629>

### Resumo

Esta pesquisa, vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFSCar), teve como objetivo compreender os processos educativos que emergiram a partir da implementação de um modelo de jogos estudantis baseado nos princípios da pedagogia freiriana de dialogicidade, práxis, autonomia e emancipação enquanto mediadoras na construção de conhecimentos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa pautada na metodologia da pesquisa-ação em que, ao longo de um ano letivo, foram realizadas atividades competitivas e participativas das mais diversas manifestações da cultura corporal com estudantes de três turmas de quinto ano de uma escola municipal de Sumaré/SP. Os dados foram analisados a partir do método de categoria de codificação, nas quais os códigos destacados foram agrupados pelos princípios freirianos que sustentaram as ações. Como resultado, os processos educativos foram evidenciados a partir do reconhecimento da pronúncia e do diálogo como caminho para uma competição humanizada. Das experiências dialógicas estruturou-se a práxis em que os(as) estudantes assumiram o evento integralmente, levando-os(as) a tomarem partido de todas as etapas na forma de ação-reflexão, o que evidenciou a assunção da autonomia e da emancipação diante das situações-limite do percurso.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar; Competições Escolares; Princípios Freirianos; Processos Educativos; Dialogicidade.

### Introdução

A presente pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF/UFSCar), vinculada à linha de pesquisa *Educação Física Escolar*. O estudo teve como foco compreender os processos educativos que emergiram no contexto das competições escolares, particularmente quando essas foram orientadas por princípios dialógicos e emancipatórios. Historicamente, as competições no ambiente escolar estiveram estruturadas sob a lógica do rendimento e da hierarquização, o que, segundo Bracht (2017), reforça práticas excludentes e tende a limitar as possibilidades de formação humana integral.





No campo da Educação Física, a superação dessa concepção tradicional demandou um olhar pedagógico voltado para a reflexão crítica sobre as finalidades educativas do esporte e das práticas corporais. Kunz (2004) argumenta que o ensino do esporte deve se afastar de modelos tecnicistas e aproximar-se de abordagens que valorizem o diálogo, a cooperação e a autonomia dos sujeitos. Nessa direção, esta investigação inspirou-se na pedagogia freiriana, que compreende a educação como prática de liberdade e processo de conscientização (Freire, 1967). Para Freire (2023), a aprendizagem se constitui na relação dialógica entre educadores(as) e educandos, mediada pelo mundo, o que confere à prática pedagógica um caráter político e transformador.

A esportivização indiscriminada das aulas de Educação Física, atrelada à falta de clareza quanto ao papel do esporte escolar e o como este ainda absorve os elementos da espetacularização do esporte de alto rendimento levou a competição escolar para uma tendência beligerante e confusa. Em outros termos, é a visão majoritariamente do(a) adulto(a) em detrimento ao universo da criança, disciplinada por uma estruturação de jogos escolares na perspectiva de grandes eventos esportivos nas quais, inclusive, busca-se reproduzir os mesmos padrões de movimento, com regramentos inflexíveis/rígidos, demasiada ênfase na competição e valorada pelo vencer a todo custo (Reverdito; Scaglia, 2013).

A pesquisa buscou, portanto, analisar de que maneira a competição escolar pôde se tornar um espaço de formação crítica e humanizadora. A partir desse questionamento, examinou-se como os princípios de dialogicidade, práxis, autonomia e emancipação reorientaram o sentido das competições escolares, promovendo a construção coletiva do saber e a valorização da diversidade entre os(as) participantes. O processo investigativo resultou, ainda, na elaboração do produto educacional *Olimpíadas da Escola: uma proposta de competição dialógica*, desenvolvido na Plataforma de Cursos Abertos (POCA/UFSCar). O curso tem como finalidade difundir entre professores(as) de Educação Física os fundamentos teórico-práticos necessários à ressignificação das competições escolares a partir da perspectiva freiriana, estimulando práticas pedagógicas mais democráticas, críticas e inclusivas.

Os resultados evidenciaram que a ressignificação das competições escolares, quando orientadas pelos princípios freirianos, possibilitou o desenvolvimento de aprendizagens éticas e solidárias, bem como a ampliação das formas de participação e reconhecimento entre os estudantes. Nesse sentido, o estudo contribuiu para o fortalecimento de uma Educação Física escolar comprometida com a formação ética e cidadã, reafirmando a importância de práticas pedagógicas que valorizem o diálogo, a coletividade e a emancipação humana.

## Desenvolvimento

A pesquisa foi conduzida segundo uma abordagem qualitativa e participativa, orientada pelos princípios da pesquisa-ação (Thiollent, 2011). Essa escolha metodológica permitiu ao pesquisador atuar como docente e observador do processo educativo, favorecendo uma compreensão aprofundada das transformações ocorridas durante as Olimpíadas da Escola. O estudo foi desenvolvido em uma escola pública municipal do interior de São Paulo, envolvendo cerca de 100 estudantes do 5º ano dos Anos Iniciais. As ações pedagógicas se estenderam ao longo do ano letivo, compreendendo encontros de planejamento coletivo, vivências corporais, rodas de conversa e avaliações formativas. O estudo seguiu os princípios éticos da pesquisa



educacional, conforme a Resolução nº 510/2016, garantindo anonimato e consentimento dos participantes.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas diversas atividades competitivas que integraram os(as) estudantes em um modelo de jogos baseado nos princípios da pedagogia freiriana, enfatizando a dialogicidade e a participação coletiva. Entre as modalidades, destacaram-se os Jogos Indígenas, que incluíram práticas tradicionais como Huka-Huka, Jikunahati, Corrida com Tora, Cabo de Guerra e Peteca. Tais atividades permitiram às estudantes e aos estudantes experimentarem manifestações culturais corporais originárias, promovendo o respeito pela diversidade e a valorização das tradições culturais, ao mesmo tempo em que fomentavam a cooperação e o engajamento crítico de todas as pessoas participantes.

Além disso, foram desenvolvidos torneios de diversas naturezas, como Queimada, Rouba Bandeira, Xadrez, Yoté e Futebol, com organização baseada em equipes e lideranças eleitas democraticamente pelas estudantes e pelos estudantes. O sistema de pontuação adotado buscou valorizar não apenas os resultados competitivos, mas também a participação ativa e os processos de aprendizagem que emergiram durante o convívio e os desafios das competições. Dessa forma, tais atividades funcionaram como espaços para a práxis, em que teoria e prática se encontraram na construção coletiva do conhecimento e no exercício da autonomia.

Por fim, as Olimpíadas da Escola contemplaram também eventos artísticos e culturais, incluindo festivais de Ginástica e Capoeira, que ampliaram o espectro da competição para além do esportivo, incorporando elementos expressivos e de identidade social. Esses momentos foram fundamentais para a emergência de processos educativos que favoreceram o protagonismo das estudantes e dos estudantes, a reflexão crítica sobre questões como gênero e inclusão, e a experiência dialógica em situações realistas e cotidianas. Essa diversidade de eventos contribuiu para consolidar uma experiência educativa rica e plural, alicerçada nos princípios pedagógicos que orientaram o estudo.

A organização e a análise dos dados ocorreram a partir de um processo de codificação temática (Bogdan; Biklen, 1994), do qual emergiram quatro categorias analíticas: práxis, dialogicidade, autonomia e emancipação. Essas categorias foram compreendidas como movimentos interdependentes e dinâmicos que expressaram as aprendizagens produzidas nas interações entre professor e estudantes. Assim, a partir da leitura do quadro 2 é possível verificar as divisões e subdivisões temáticas que surgiram, ora no diálogo entre os(as) estudantes, ora na observação do professor-pesquisador, ora nas duas situações:

Categoria Geral	Subcategoria	Temas Gerais
DIALOGICIDADE	RE-CONHECER	Pronúncia
		Conteúdo Programático
		Tema Gerador
PRÁXIS	PROCESSOS HUMANIZANTES	Significação Conscientizadora
		Reflexão e Ação
		Autoconsciência



AUTONOMIA	ASSUNÇÃO	Responsabilidade
	LIBERDADE	Eticidade
EMANCIPAÇÃO	OPRESSÃO	Processos Democráticos
		Identificação de Processos Opressivos
		Discursos e Ações Opressivas
		Equidade
		Enfrentamento à Opressão
		Superação da Opressão

FONTE: Borsetti Junior, 2024

A categoria práxis manifestou-se na articulação entre ação e reflexão presentes em todas as etapas da competição. O envolvimento dos(as) participantes na definição das modalidades, regras e critérios avaliativos favoreceu a tomada de consciência sobre o próprio fazer pedagógico. Inspirada na concepção freiriana de que a reflexão autêntica leva à ação (Freire, 2023), a práxis educativa emergiu como exercício de crítica e reconstrução das práticas corporais, impulsionando uma postura investigativa e criadora entre os sujeitos envolvidos.

Sendo assim, a práxis se expressou na articulação entre as ações desenvolvidas durante as *Olimpíadas da Escola* e a reflexão crítica conduzida pelos(as) participantes sobre essas experiências. O processo não se limitou à participação nos jogos, mas envolveu momentos contínuos de análise e debate por parte das estudantes e dos estudantes acerca do significado das práticas, dos desafios enfrentados e das relações estabelecidas ao longo das competições. Essa prática reflexiva permitiu que os sujeitos das ações se reconhecessem como agentes autônomos e conscientes, capazes de transformar suas realidades a partir da aplicação prática dos conceitos discutidos, contribuindo para sua formação integral e emancipação.

A dialogicidade constituiu o eixo estruturante das relações estabelecidas durante a experiência. Em consonância com Freire (2023), o diálogo foi entendido como encontro amoroso e ético entre sujeitos que se reconhecem como inacabados e em permanente construção. Nos círculos de conversa e momentos de partilha, professor e estudantes problematizaram temas relacionados à competição, à cooperação e ao respeito mútuo, o que contribuiu para transformar a Olimpíada da Escola em espaço de escuta e de construção coletiva de sentidos.

De outra forma, nas *Olimpíadas da Escola*, a dialogicidade se manifestou concretamente no modo como as atividades competitivas foram estruturadas para promover a comunicação efetiva entre estudantes e também entre estudantes e professor. As modalidades desenvolvidas propiciaram espaços de escuta ativa, onde todas as vozes puderam ser expressas e consideradas nas decisões das equipes, especialmente nas lideranças eleitas democraticamente. Esse ambiente dialógico foi fundamental para que as estudantes e os estudantes compartilhassem suas ideias, negociassem conflitos e construíssem coletivamente regras, estratégias e soluções, rompendo com uma visão meramente competitiva para assumir um caráter colaborativo e reflexivo.

A categoria autonomia emergiu na medida em que os(as) estudantes assumiram protagonismo nas decisões e na condução das atividades. Essa autonomia não se restringiu à liberdade individual, mas se configurou como prática de corresponsabilidade, em que os



sujeitos se perceberam autores de suas ações e capazes de intervir criticamente no contexto escolar. Esse movimento dialoga com a perspectiva de Freire (2023), segundo a qual ninguém é autônomo primeiro para depois decidir; os homens e mulheres se fazem autônomos(as) na liberdade.

Nas *Olimpíadas da Escola*, a autonomia se manifestou de forma plena e concreta, já que toda a gestão dos eventos foi realizada inteiramente pelas(os) próprias(os) estudantes. Elas e eles foram responsáveis por organizar as equipes, eleger suas lideranças e administrar a execução das atividades, incluindo a avaliação das(os) adversárias(os), a discussão e aplicação das regras, sem intervenções externas permanentes do professor. Esse protagonismo foi evidente, por exemplo, nas etapas em que as alunas e os alunos conduziam as reuniões para resolver conflitos emergentes durante as competições de Queimada ou Rouba Bandeira, debatendo em consenso as decisões e ajustando as dinâmicas conforme as necessidades do grupo. Essa experiência prática fortaleceu a capacidade das(os) jovens de autogestão, tomada de decisões coletivas e de assumir responsabilidades, consolidando o exercício da autonomia no âmbito escolar.

Por fim, a categoria emancipação sintetizou o processo formativo decorrente das experiências vividas. Ela foi observada nas atitudes de solidariedade, respeito e reconhecimento do outro, bem como na ressignificação dos sentidos de vitória e derrota. A competição, antes marcada pela lógica da exclusão, passou a ser percebida como prática de convivência e de construção coletiva. Essa dimensão remete à concepção de Oliveira et. al. (2012), para quem os processos educativos em práticas sociais se constroem na interação e na produção de novos modos de existir em comunidade.

Nos processos emancipatórios das Olimpíadas da Escola, foram identificados e enfrentados processos opressivos, sobretudo relacionados a desigualdades de gênero e exclusão social, que se manifestaram nas resistências à participação plena de meninas em modalidades historicamente dominadas por meninos e na marginalização de práticas culturais diversas. Esses desafios foram superados por meio de diálogos críticos e negociações coletivas que resultaram na revisão democrática das regras, garantindo a inclusão e o respeito às diferenças. A gestão autônoma das competições pelos estudantes foi crucial para que pudessem questionar as normas vigentes e propor transformações concretas, tornando a emancipação uma prática real de reconhecimento, superação e transformação das condições de exclusão no âmbito escolar.

A sistematização dessas categorias evidenciou que os processos educativos emergentes da *Olimpíadas da Escola* ultrapassaram o campo técnico esportivizado e adentraram a esfera ética, política e cultural da formação humana. As aprendizagens construídas nos gestos, nas decisões e nas conversas coletivas indicaram a possibilidade de uma Educação Física escolar crítica e dialógica, que reconhece as práticas corporais como linguagem de emancipação e de humanização. Sendo assim, do estudo emergiram importantes processos educativos e avanços significativos, mas também ficaram evidentes algumas fragilidades que apontam para desafios ainda não superados. Apesar da promoção da dialogicidade, houve momentos em que a comunicação entre estudantes e educadores enfrentou dificuldades, em especial na resolução de conflitos mais complexos, onde velhas práticas hierárquicas ainda se manifestaram tímida, porém persistentemente. Além disso, a autonomia dos estudantes, embora amplamente exercida



na gestão dos eventos, por vezes esbarrou em resistências institucionais e na falta de infraestrutura adequada para ampliá-la de forma mais consistente e sustentável.

Outro ponto de fragilidade observado refere-se à incidência de preconceitos e discriminações sutis que atravessaram algumas competições, revelando que o enfrentamento das opressões é um processo contínuo e que requer reflexões e ações constantes para sua efetiva superação. Nem todas as disputas e discussões conduziram ao consenso ou à inclusão plena, o que demonstrou que as condições estruturais, culturais e sociais mais amplas ainda impõem limites ao potencial emancipatório dos eventos escolares. Esses desafios, longe de enfraquecerem a experiência, reforçam a importância de que as práticas educativas concebidas como processos emergentes permaneçam abertas à crítica, à revisão e à ampliação de suas possibilidades.

Por fim, os resultados demonstraram que a *Olimpíadas da Escola* configurou-se como experiência pedagógica transformadora, ao articular teoria e prática, diálogo e ação, competição e solidariedade. A emergência dos quatro processos educativos analisados reafirmou a potência das práticas corporais como campo fértil para a formação crítica, ética e emancipatória dos sujeitos escolares, mesmo com as fragilidades apresentadas.

## Considerações finais

As competições escolares demonstraram grande potencial educativo quando orientadas pelos princípios freirianos da dialogicidade, práxis, autonomia e emancipação. As Olimpíadas da Escola mostraram que, ao romper com a lógica da rivalidade e da exclusão, é possível estabelecer práticas pedagógicas que valorizam a escuta ativa, o protagonismo estudantil e a reflexão crítica sobre as próprias dinâmicas competitivas.

Apesar dos avanços, persistem desafios vinculados à complexidade das relações humanas e à estrutura escolar, que limitam a consolidação de práticas emancipatórias. A resistência a mudanças e as manifestações sutis de preconceitos revelam que a emancipação é um processo dialético e em constante construção.

A pesquisa aponta, assim, para a necessidade de uma Educação Física escolar que ultrapasse o paradigma do rendimento técnico e se consolide enquanto espaço ético-político de formação humana integral. A mediação pedagógica crítica e afetiva emerge como elemento decisivo para que as práticas corporais promovam inclusão, solidariedade e a construção de sujeitos capazes de transformar seus contextos sociais.

## Referências

BRACHT, V. *Educação física e aprendizagem social: uma abordagem crítica*. Campinas: Autores Associados, 2017.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 1994.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.



FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 86ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 2004.

OLIVEIRA, M. W.; GONÇALVES, L. J.; SILVA, P. B. G. *Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais*. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. *Competições Escolares: Reflexão e Ação Fazendo a Diferença na Escola*. In: *Pedagogia do esporte e competição: aspectos conceituais e procedimentais*. Orgs. REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, J.; MONTAGNER, P. C. Editora Phorte. 2013, p. 237-258.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.